

Liderança feminina na difusão social: implicações para a gramaticalização de AÍ como conector

Simone de Queiroz Mendonça¹, Maria Alice Tavares²

¹Aluna bolsista CNPq/PIBIC, ²Professora Orientadora, Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

À luz da vertente teórica sociofuncionalista, analisamos os conectores E, AÍ e ENTÃO como variantes, verificando como seu uso variável é afetado pelo fator social *gênero do falante*. Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, revelam que as mulheres usam mais AÍ do que os homens. Interpretamos esses resultados como indicação de que uma mudança liderada pelas mulheres está em progresso na comunidade de fala e escrita de Natal, Brasil, e discutimos implicações desse processo à gramaticalização de AÍ como conector.

Palavras-chave: conectores; variação e mudança lingüística; gramaticalização

Abstract

In the context of sociofunctional theoretical guidelines, we analyze connectors E (and), AÍ (in this respect) and ENTÃO (then) as variants, to determine how their variable use is affected by the social factor *speaker's gender*. The results obtained through quantitative analysis show that women use AÍ more than do men. We interpret these results as indicating that a woman-led linguistic change is underway in the speech and writing patterns in Natal, Brazil, and we discuss implications of this process for the grammaticalization of AÍ as a connector.

Keywords: connectors; linguistic variation and change; grammaticalization

1. Influência do gênero do usuário da língua sobre o uso de E, AÍ e ENTÃO

Neste estudo, analisamos o domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações, um tipo de organização seqüencial de informações muito freqüente tanto no texto oral quanto escrito. A seqüenciação retroativo-propulsora caracteriza-se pela articulação de dois segmentos do discurso através de um conector coordenativo para sinalizar a existência de uma relação de continuidade e consonância entre esses segmentos. É a isso que se refere a expressão *retroativo-propulsora*: os movimentos simultâneos de retroagir, direcionando a atenção do interlocutor para trás no discurso, e de propulsionar, direcionando sua atenção para a frente, para a continuidade do discurso. Em Natal, a relação de seqüenciação de informações é codificada especialmente pelos conectores *E*, *AÍ* e *ENTÃO*, que podem ser considerados como formas variantes do domínio gramatical da seqüenciação, e analisados com fundamentação em duas teorias, a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico. Essa vertente de pesquisa é denominada “sociofuncionalista”, porque investiga o fenômeno de variação linguística, a parte da perspectiva da função desempenhada pelas formas variantes, e propõe explicações de base funcionalista e sociolinguística para os resultados obtidos (cf. NEVES, 1999; TAVARES, 2003).

Observem-se algumas ocorrências de seqüenciação na fala e na escrita natalenses:

(1) AÍ um ... um ... um ônibus da ... da empresa Nordeste né ... nós vinha de lado esquerdo da ... da pista geralmente carros ... pra:: é:: cortar outro ... corta pela esquerda né? (est) aí ele veio no ... na ... na ... na ... na ((riso)) AÍ ele veio pediu ... pediu pra passar ... AÍ o motorista também tava muito melado né ... AÍ passou ... aí na ... na ... na ... AÍ o motorista não deixou passar ... AÍ ele cortou pela direita E trancou a gente E jogou todo mundo na BR ... AÍ foi aquele aperreio todo né ... (C, narrativa oral)

(2) Nós vinhamos à esquerda da BR E um ônibus da empresa Nordeste pediu para ultrapassar, porque as ultrapassagens são feitas pela esquerda, mas o motorista não passou pela direita, ENTÃO o ônibus passou pela direita E trancou agente E jogou todo mundo na estrada. (C, narrativa escrita)

Labov (2001) afirma que a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis. Os falantes fazem escolhas entre dois ou mais fonemas, palavras ou expressões e essas escolhas podem ser influenciadas por circunstâncias sociais. É o caso dos conectores *E*, *AÍ* e *ENTÃO*, que são formas variantes de codificação linguística da seqüenciação de informações. Nesta pesquisa, verificamos se o fator de natureza social *gênero do usuário da língua* influencia as escolhas que os natalenses fazem em termos desses conectores.

Para a Sociolinguística Variacionista, a variabilidade é uma propriedade essencial da língua e um pré-requisito para a mudança linguística, pois a existência de variação pode ser um indício sincrônico de um processo de mudança em progresso. A variabilidade é regular, e, assim, pode ser sistematizada e analisada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores que contribuem, a cada situação de comunicação, para a seleção de uma ou outra das formas variantes.

Na ótica funcionalista, a gramática é concebida como maleável, emergente e sempre motivada pela situação comunicativa e pela função cognitiva. Essa visão dinâmica da gramática pressupõe que as línguas estão em perene mudança. No caso deste estudo, interessa-nos um processo especial de mudança: a gramaticalização, processo pelo qual itens lexicais, devido a pressões de similaridade entre os contextos comunicativos, adquirem, no curso do tempo, um novo estatuto como elemento gramatical (cf. HOPPER; TRAUGOTT (2003), HEINE (2003), FURTADO DA CUNHA et al. (2003)).

É a gramaticalização que está por trás do fenômeno de variação entre os conectores E, AÍ e ENTÃO. Provenientes de fontes adverbiais, eles se tornaram conectores através da gramaticalização. Cada conector recém surgido passou a partilhar espaço com os demais, em uma situação de variação. Dos conectores sob enfoque, o mais recente é AÍ, que adquiriu essa nova função no português brasileiro a partir do uso como advérbio espacial, provavelmente ao longo dos séculos XVIII e XIX. Por sua vez, E e ENTÃO já eram conectores nos primórdios da língua portuguesa. (cf. TAVARES, 2003)

Nossos objetivos são: (1) avaliar a influência sobre o uso dos conectores E, AÍ e ENTÃO proveniente de um fator de natureza social, o gênero dos falantes e escritores; (2) contribuir para a descrição e a análise do português falado e escrito na Região Nordeste. Para tanto, analisamos oito narrativas de experiência pessoal e oito relatos de opinião orais e suas versões escritas correspondentes, produzidas por alunos da 8ª série do ensino fundamental e do último ano do ensino superior. Esses textos foram extraídos do *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998). Neles, coletamos um total de 1.037 ocorrências dos conectores E, AÍ e ENTÃO e os submetemos ao pacote estatístico VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988) para a obtenção de percentuais e pesos relativos.

2. Gênero, variação e mudança linguística: o caso dos conectores E, AÍ e ENTÃO

Labov (2001) afirma que o gênero dos usuários da língua é um poderoso fator de diferenciação em quase todos os casos de variação linguística estável e mesmo de mudança em progresso. Nesta pesquisa, investigamos se o gênero influencia as escolhas dos natalenses em

termos de conectores seqüenciadores. Buscamos responder às seguintes questões: (1) Qual o grau de disseminação dos conectores E, AÍ e ENTÃO na fala das mulheres e dos homens? (2) As mulheres dão preferência a conectores que são socialmente prestigiados? (3) Há indícios de que as mulheres ou os homens estejam liderando uma mudança em progresso?

Há situações de variação em que as variantes são claramente avaliadas como pertencentes ou não à variedade culta da língua. Esse é o caso de uma das variantes da seqüenciação de informações, o conector AÍ, cujos empregos não adverbiais costumam ser considerados, pelos professores de língua portuguesa e mesmo pelos usuários da língua em geral, não apenas como típicos da fala (e apenas em situações mais informais ou coloquiais), mas mesmo como vícios de linguagem (cf. TAVARES, 2003).

Para Labov (2001), em situações de variação estável, os homens usam com maior freqüência formas não padrão e as mulheres tendem a preferir formas prestigiadas. Uma inversão dessa tendência pode ser interpretada como indicação de que uma nova forma está se implementando na língua: na maioria das mudanças lingüísticas em progresso estudadas nas últimas décadas, são as mulheres que utilizam mais as formas inovadoras, mesmo que essas formas sejam socialmente desprestigiadas. Os casos de mudança em que os homens estão à frente são poucos.

Considerando esses fatos, no que diz respeito às influências da variável *gênero* sobre o uso de E, AÍ e ENTÃO em Natal, nossa hipótese é que o uso de E e de ENTÃO é maior entre as mulheres, já que esses conectores não são estigmatizados. Em contraste, AÍ deve ser mais usado pelos homens, uma vez que ele costuma ser avaliado como não pertencente a variedade culta da língua. Contudo, se atualmente estiver em progresso, na comunidade de fala e escrita natalense, um fenômeno de mudança em direção ao aumento da taxa de ocorrência de AÍ, é provável que as mulheres estejam liderando o processo, fazendo um maior uso desse conector do que os homens. Afinal, em casos de mudança, as mulheres geralmente são líderes.

Observem-se na tabela 1 e no gráfico 1 os resultados que obtivemos:

Tabela 1 – Porcentagem de distribuição de E, AÍ e ENTÃO quanto ao gênero do usuário da língua.

GÊNERO	E	AÍ	ENTÃO
Masculino	72	19	9
Feminino	43	52	5
TOTAL	54	39	6

Como já mencionamos, em situações lingüísticas estáveis, os homens usam mais as formas não padrão (caso do conector AÍ, considerado típico da fala informal ou mesmo um vício de linguagem) e as mulheres tendem a usar as formas prestigiadas (caso dos conectores E e ENTÃO). Mas o inverso pode ser tomado como indicação de que uma forma está se implementando na língua: na maioria das mudanças em progresso, são as mulheres que usam mais as formas inovadoras, mesmo as estigmatizadas.

A esse respeito, o que revelam os resultados apresentados na tabela 1? Será que essas tendências se confirmam? Os resultados mostram que os homens usam mais E: 72% das ocorrências de conectores seqüenciadores entre os homens são de E. Entre as mulheres, E possui frequência menor, de 43%. As mulheres dão preferência a AÍ, que representa 52% dos conectores seqüenciadores por elas utilizados. Já entre os homens, a frequência de AÍ é baixa: 19%. Quanto a ENTÃO, há pouca diferença em sua taxa de uso pelos dois gêneros. Os homens usam um pouco mais (9%).

Constatamos, portanto, que, entre os natalenses, são as mulheres que mais utilizam AÍ, o conector seqüenciador mais recente e de menor prestígio social. Esse resultado é um indício de que está ocorrendo uma mudança em progresso na direção de uma maior disseminação desse conector na comunidade de Natal, pois, nas situações de mudança lingüística, as mulheres tendem a liderar o processo, apresentando taxas mais altas de ocorrência das formas variantes inovadoras. No entanto, é necessário que aprofundemos nossa pesquisa, considerando, em um desdobramento futuro, também a influência da idade dos usuários da língua sobre a escolha entre E, AÍ e ENTÃO, pois resultados referentes à estratificação etária são fortes indicadores de mudança em progresso (cf. LABOV, 2001) e podem vir a se somar aos resultados que obtivemos sobre a influência do gênero.

3. Liderança feminina: implicações para a gramaticalização de AÍ

Para finalizar, passemos a uma discussão sobre possíveis implicações da liderança feminina no aumento da disseminação de AÍ na comunidade de fala natalense para os rumos a serem seguidos por esse conector na continuidade de seu processo de gramaticalização. Primeiro, é preciso esclarecer que a sociolingüística relaciona o conceito *mudança* à fase de disseminação social e não ao surgimento da inovação lingüística em si. Em contraste, no prisma dos estudos funcionalistas voltados à gramaticalização, a mudança ocorre em duas etapas indissociáveis: 1º) o surgimento de uma nova forma gramatical e a sua difusão lingüística; 2º) o

processo sociolingüístico de disseminação dessa inovação ao longo da comunidade de fala (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Por que as mulheres são, em geral, as líderes da mudança no sentido sociolingüístico, isto é, por que elas são as líderes da disseminação social das inovações? Uma possível explicação entre as fornecidas por Labov (2001) está no fato de que a maioria das crianças aprendem os rudimentos de sua língua materna com mulheres (mães, babás, professoras de creche e de ensino básico), o que faz com que as mudanças que têm liderança feminina sejam aceleradas, em detrimento das mudanças lideradas pelos homens. Comparando resultados obtidos por estudos sociolingüísticos em diversas partes do mundo, Labov encontrou indícios que apontam como líderes da transmissão da mudança lingüística um grupo específico de mulheres, as adolescentes: uma menina de doze anos observa as formas inovadoras usadas pelas meninas de dezesseis anos e avança seu próprio uso, ao imitá-las, o que, com o passar do tempo, faz a mudança avançar na comunidade como um todo.

AÍ já possui uso regularizado como conector, pois aparece com freqüência na fala e na escrita de vários natalenses (por exemplo, no caso deste estudo, todos os oito informantes considerados apresentam ocorrências de AÍ em seus textos), e, portanto, está gramaticalizado nessa função. Além disso, obtivemos indícios de que as mulheres estão atualmente liderando um processo de aumento de uso de AÍ na comunidade natalense. O que esse aumento pode significar para o processo de gramaticalização dessa forma? O aumento de uso de AÍ faria com que ele ocupasse cada vez mais o espaço de E e de ENTÃO, podendo mesmo chegar a predominar na função de seqüenciação, em detrimento desses conectores mais antigos. Ademais, o aumento de uso faria com que ele avançasse rumo a uma maior gramaticalização como conector, pois, quanto mais freqüente é uma forma gramatical, maior o seu grau de penetração na gramática (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Além disso, em conformidade com Heine (2003), a gramaticalização representa a passagem para significados mais genéricos, negociáveis, abstratos e freqüentes. Nesse processo de mudança, a perda da especificidade semântica de uma forma favorece a extensão de sua aplicação para categorias funcionais diversas. Isso acontece porque o significado genérico é mais moldável às necessidades da comunicação e, portanto, pode ser expandido para mais e mais contextos.

Assim sendo, os condicionamentos sociais sobre o uso das formas gramaticais podem ser um fator determinante da continuidade de seus processos de gramaticalização. Por exemplo, o uso intenso de uma forma por parte de certos estratos de uma comunidade de fala é capaz de incrementar sua mudança funcional, pois o aumento da freqüência de uso coloca essa forma

num campo aberto para novas alterações: uma forma já gramatical pode adquirir novas funções gramaticais e, quanto mais usada for a forma, mais chances haverá de que esse processo de ampliação funcional aconteça.

Consideremos agora ao caso de E, AÍ e ENTÃO. Constatamos que as mulheres usam mais AÍ do que os homens e sabemos que isso é indício de mudança em progresso no sentido de um possível aumento futuro no uso desse conector na comunidade como um todo. É possível que, caso se confirme, essa maior utilização de AÍ resulte em sua extensão para a codificação de papéis gramaticais cada vez mais genéricos e abstratos, inclusive podendo vir a migrar para novas categorias gramaticais. Ou seja, um fator de natureza social, o gênero dos usuários da língua, pode contribuir não apenas para a disseminação social de AÍ, mas também para a emergência de novas funções gramaticais para essa forma.

Acreditamos, pois, que o fato de que o processo de disseminação de uma forma gramatical seja liderado pelas mulheres, como parece ocorrer com o conector AÍ em Natal, é um indício de que elas tendem a ser líderes também nos processos de gramaticalização, isto é, nos processos de emergência de novas funções gramaticais para formas lingüísticas, uma questão a ser averiguada em estudos futuros.

Referências

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN. 1998.

_____; MARTELOTTA, M. E. T.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). **Lingüística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Eds). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell. 2001.

NEVES, M. H. M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.** v. 15, n. Especial, p. 71-104. 1999.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. ms. 1988.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Simone de Queiroz Mendonça

Endereço Postal: simoneqmendonca@hotmail.com

Base de Pesquisa: Discurso e Gramática

Endereço Postal: Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 59078-970, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário, Natal/RN – Brasil.